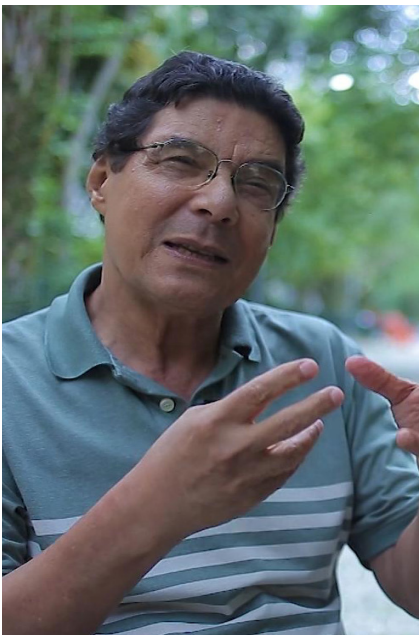


## “NO CAPS, O QUE CIRCULA É O AFETO”

O trabalho de usuários e familiares e os caminhos do  
suporte de pares na RAPS do Rio de Janeiro



Milton Freire, trabalhador da rede de atenção psicossocial. Imagem do vídeo “Reinventando a vida juntos: Dez anos de grupos de ajuda e suporte mútuos na rede de saúde mental da cidade do Rio de Janeiro”

Milton Freire tem 72 anos e foi uma das primeiras pessoas, no Brasil, a declarar publicamente sua condição de usuário da rede pública de saúde mental em 1989. Desde então, encontrou na militância um caminho de denúncia do lugar estigmatizado da loucura na sociedade e das condições brutais de tratamento que marcavam a assistência em saúde mental.

Quase 30 anos depois, Milton teve a oportunidade de fazer nova declaração pública, desta vez revelando a conquista de outro papel social: trabalhador. O depoimento de Milton e de outros cinco trabalhadores como ele foi apresentado no seminário desenvolvido pela Superintendência de Saúde Mental em dezembro de 2018.

Esse grupo de trabalhadores, formado por dois usuários e quatro familiares, compõe um programa de trabalho que completou dois anos em 2018. Eles foram contratados via CLT em 2016 e lotados em serviços da rede com o objetivo de desenvolverem estratégias de suporte de pares, como é o caso dos grupos de ajuda e suporte mútuos.

Trabalhadores de suporte de pares são pessoas que vivenciaram e superaram adversidades oriundas de um transtorno mental e que, previamente capacitadas, são capazes de oferecer apoio emocional e instrumental, encorajamento e esperança para seus pares, ou seja, pessoas que vivem experiências similares.

Tal modalidade de trabalho, inspirada na valorização do saber oriundo da história de vida pessoal e fundamentada nos conceitos de mutualidade e reciprocidade, vem sendo desenvolvida em escala mundial há

▷ cerca de 30 anos junto aos movimentos de usuários. Em vários países, o financiamento dessas ações é público ou privado, sendo a contratação formal de trabalhadores um componente fundamental da atenção psicossocial.

O seminário marcou a apresentação dessa abordagem para a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) da cidade. Marcela Weck e Eduardo Mourão Vasconcelos, da parceria entre SSM e UFRJ, abriram o debate e apresentaram a chamada para o documentário comemorativo dos 10 anos de grupos de ajuda e suporte mútuos, que será lançado no primeiro trimestre de 2019.

Com a palavra, Luis Silva, Milton Freire, Esther Arotchas, Berlene Lima, Sandra Athaide e Nadia Soares partilharam suas experiências como trabalhadores das equipes dos CAPS Carlos Augusto da Silva Magal, João Ferreira Silva Filho, Franco Basaglia, UERJ e do Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho. Seus depoimentos revelaram a importância do trabalho junto aos usuários, familiares e o sentido positivo de sua dupla função, ao se tornarem também trabalhadores da rede.

Suas falas são evidências do fortalecimento de uma presença protagonista no trabalho, na medida em que atualizam a percepção sobre o cuidar e ajudam a sustentar sua direção. Também evidenciam o protagonismo no restante da vida, na medida em que eles têm conquistado novos lugares para si, tanto como provedores em suas famílias, quanto como estudantes. Foi a partir dessa experiência de trabalho, por exemplo, que Sandra Athaide inspirou-se a fazer um

curso universitário e escolheu o Serviço Social.

Os gestores dos serviços onde os trabalhadores estão lotados também fizeram seus relatos sobre a experiência de integração desse trabalho, e a discussão após as apresentações apontou para um campo em construção. Esse tema desperta curiosidade e interesse, e há muito o que avançar na reflexão sobre uma modalidade de trabalho que desafia a hegemonia do saber técnico e o lugar privilegiado dos profissionais no cuidado.

O suporte de pares não pretende questionar a relevância do saber técnico; ao contrário, busca somar, apontando para a inclusão de outras estratégias que valorizem a experiência, a sensibilidade e a solidariedade no lidar, e que instiguem o combate ao estigma e ao preconceito. Em outras palavras, convida à construção de uma nova relação entre profissionais, usuários e familiares, tomando o cuidado como responsabilidade de todos.

“No CAPS, o que circula é o afeto e não a humilhação”. Essa afirmação de Milton Freire contém as marcas de quem viveu o horror de intervenções como o eletrochoque, o choque insulínico e o encarceramento. Contém, também, a percepção de um importante efeito do processo de transformação no campo da saúde mental ao longo das últimas décadas: a humanização do cuidado. É assim que Milton - que hoje é usuário e trabalhador de um CAPS - torna-se, a um só tempo, testemunha e agente ativo dessa transformação.



Seminário da Rede de Atenção Psicossocial da cidade do Rio de Janeiro. Da esq. para dir.: Marcela Weck, Berlene Lima, Luis Silva, Milton Freire, Esther Arotchas, Sandra Athaide, Nadia Soares e Eduardo Mourão Vasconcelos.

# Investimento da SMS no tema da prevenção ao suicídio

Desde 2014, a Superintendência de Saúde Mental vem trabalhando de forma integrada com as superintendências de Vigilância em Saúde, de Atenção Primária e de Urgência e Emergência para construir ações voltadas para lidar com o aumento de suicídios e outras violências autoprovocadas.

Entendidas como sinal de gravidade em saúde mental, as violências autoprovocadas merecem atenção de toda a rede. Ainda que os CAPS tenham papel crucial nas ações de cuidado para esses casos - que são indicadores de crise - as situações chegam a todas as portas de entrada da rede de serviços. Portanto, o trabalho precisa ser integrado, desde a informação até a realização do cuidado

propriamente dito, envolvendo diversos serviços e setores. Para consolidação do trabalho em rede, estabeleceu-se um fluxo de cuidado para os casos que já tentaram o suicídio e para aqueles que têm risco identificado na Atenção Primária.

Em 2016 e 2017, o trabalho foi voltado às capacitações na Atenção Primária e ao fortalecimento do uso do Guia de Referência Rápida Avaliação do Risco de Suicídio e sua Prevenção. Em 2018, buscou-se o fortalecimento da promoção em saúde e o incentivo da notificação de casos, as ações com os CAPSi, com RAP da Saúde e em escolas junto com a Atenção Primária com foco na população que apresentou maior aumento de notificação de casos, as crianças e adolescentes. ▶



Campanha de divulgação "Setembro Amarelo", 2018. Na imagem, Eric Simões (@ericssimoes\_), jovem multiplicador do projeto "RAP da Saúde - Rede de Adolescentes e Jovens Promotores da Saúde".

Até novembro de 2018, foram 476 notificações de violência autoprovocadas de crianças e adolescentes (6 a 17 anos)

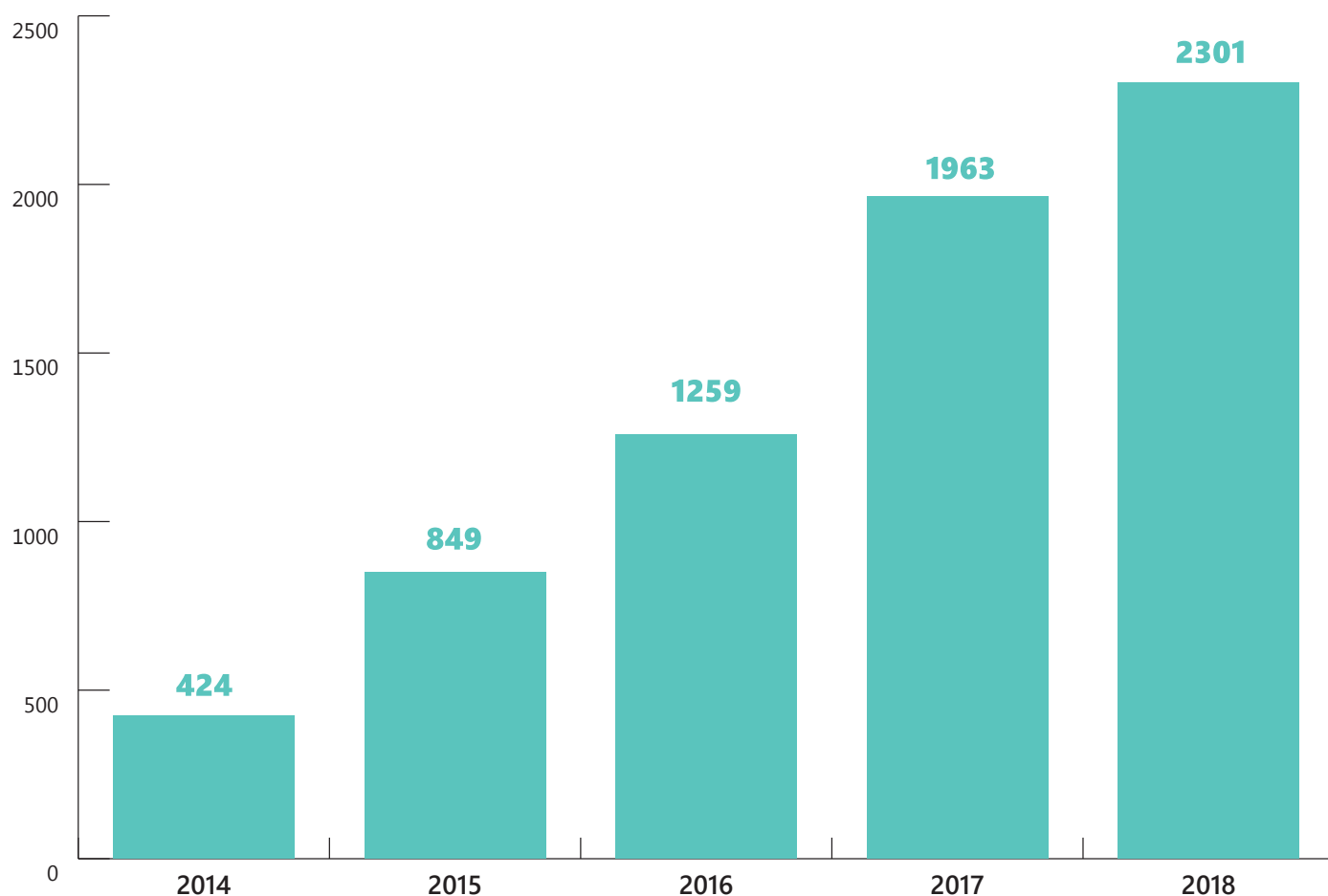
A maioria dos casos notificados ocorreram em casa.

▶ A campanha do Setembro Amarelo foi voltada para a sociedade civil, chamando atenção para a importância de falar sobre o assunto e principalmente a necessidade de que haja quem escute e saiba onde procurar ajuda. Também foi lançada a cartilha de bolso Prevenção ao Suicídio: escutar é cuidar para profissionais de saúde com orientações básicas sobre abordagem e conduta.

Em outubro de 2018, ocorreu um seminário sobre suicídio entre profissionais da rede de atenção psicossocial para discutir estratégias de cuidado a partir de casos clínicos e a Vigilância em Saúde apresentou dados de notificação de violências autoprovocadas no município.

Em 2019, para continuar a fortalecer as ações em rede, o objetivo é trabalhar junto com os serviços de urgências e emergências para implantar o fluxo estabelecido em 2018 de acesso aos CAPS e melhorar a circulação de informação que gere o cuidado imediato a partir do caso de violência autoprovocada. Também focaremos em ações de cuidado para quem cuida e promoveremos maior integração intersetorial com a Educação, Justiça, Assistência Social e Cultura.

#### **Número Notificações de Violência Autoprovocada, residentes do município do Rio de Janeiro, 2014-2018\***



Fonte: SVS/CVE. Lista de violência autoprovocada – digitados até novembro/2018. Sujeitos a revisão.

# CAPS III e o Acolhimento noturno

A construção do cuidado e o acompanhamento para situações de crise tem sido tema prioritário de trabalho na rede de atenção psicossocial da cidade. Os CAPS têm se mostrado um dispositivo potente para a construção da rede substitutiva de cuidado às situações de crise dos usuários. Sua presença vem motivando o acompanhamento longitudinal como eixo fundamental das práticas da Atenção Psicossocial, assim como a redução progressiva do uso de leitos de internação psiquiátrica.

O enfoque na atenção à crise convoca os CAPS e demais serviços, profissionais e recursos de base comunitária a pensarem em um cuidado articulado e integral a ser realizado no território. Nessa perspectiva, o CAPS III é estratégico na medida em que oferece mais recursos, como os leitos para acolhimento noturno, equipe ampliada e funcionamento 24 horas, favorecendo uma maior presença territorial e construindo redes de cuidado fora do hospital.

Os primeiros CAPS III da cidade foram inaugurados em 2010. Atualmente, a rede conta com oito CAPS III, dispondo de 8 a 10 camas para hospitalidade noturna, totalizando 72 leitos de acolhimento.

O dispositivo do acolhimento noturno no CAPS III garante o cuidado às crises e às situações de vulne-

tabilidades junto às famílias, à casa do paciente e a sua comunidade, tendo como ênfase a continuidade do cuidado e a manutenção dos vínculos com suas referências territoriais. A hospitalidade noturna representa um recurso do projeto terapêutico singular de usuários em situações de crise motivadas por sofrimento mental intenso com esgarçamento nas relações familiares, comunitárias e/ou impossibilidades de convivência. Seu objetivo é, portanto, manter o convívio familiar e comunitário durante o cuidado à crise.

A ampliação da cobertura dos CAPS III é fundamental e uma demanda importante para a gestão municipal na área de saúde mental.

## Acolhimentos noturnos (pessoas-dia)

2015	6046 (jun-dez)
2016	14482
2017	20426
2018	15021 (até nov)

Fonte: Consolidado Mensal SSMM



Espaço para acolhimento à crise no CAPS III João Ferreira da Silva Filho, no Complexo do Alemão, Zona Norte da cidade. Foto: Patrícia Vieira de Matos.

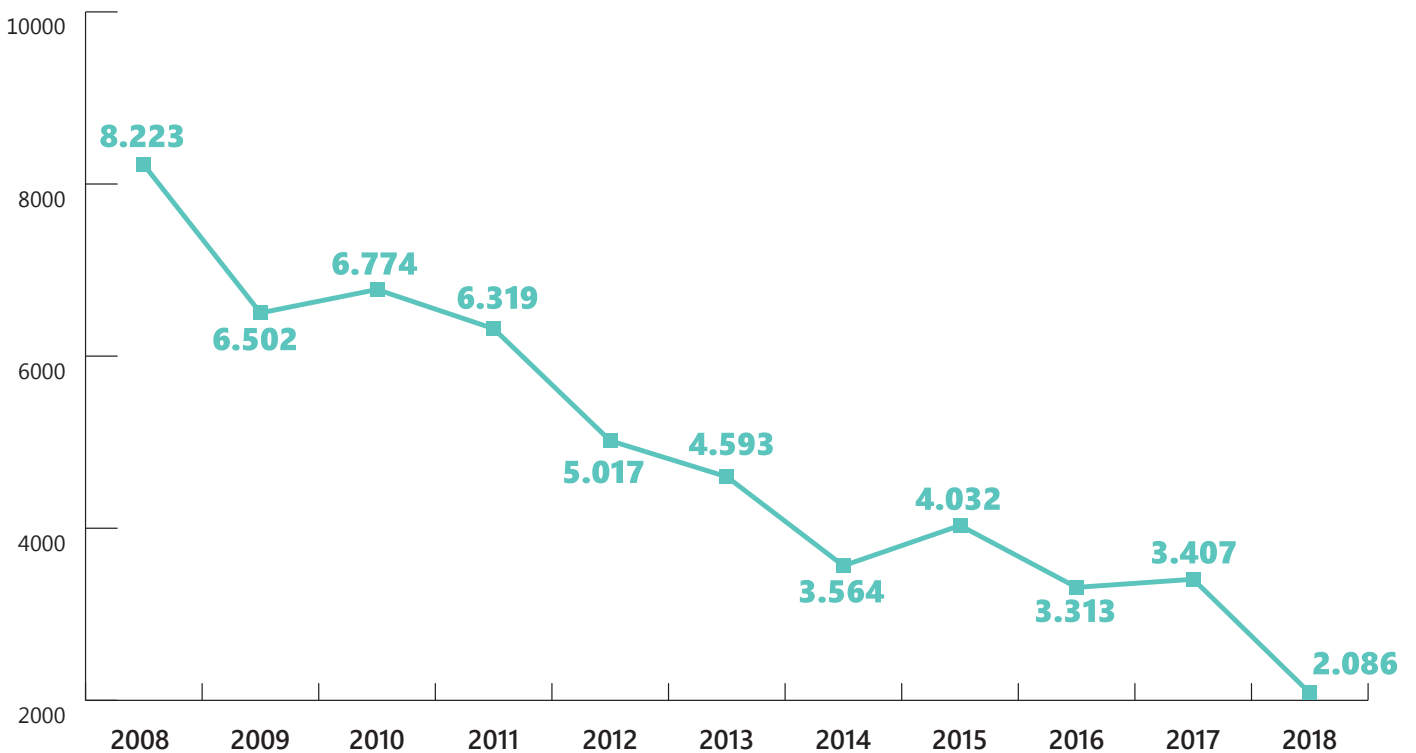


Arminda tomando água de coco na praia durante período de acolhimento no CAPS.



Oficina de culinária durante período de acolhimento no CAPS AD III Antônio Carlos Mussum.

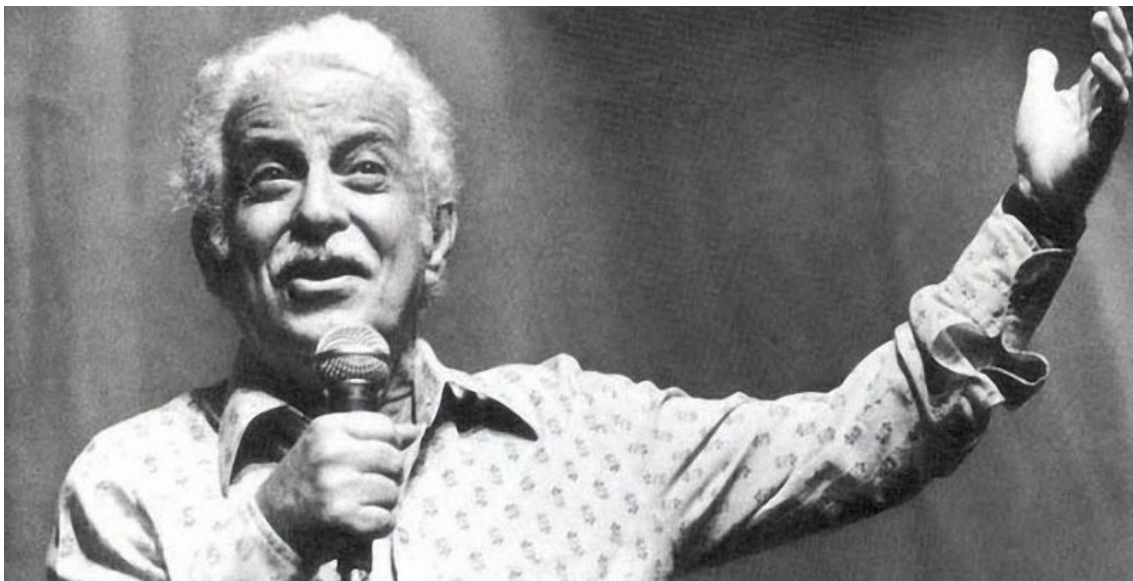
O gráfico indica a diminuição do número de novas internações em leitos psiquiátricos no município do Rio de Janeiro (2008 a 2018). Neste período, a rede substitutiva de serviços foi ampliada de 19 CAPS em 2008 para 34 CAPS em 2018.



Fonte: TABNET Municipal. SMS-Rio. Datasus/MS - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Jan/2008-Out/2018

# Que CAPS é esse? .....

## JOÃO DE BARRO



João-de-barro (*Furnarius rufus*) é uma ave muito popular por seu característico ninho em forma de forno de barro, nativa da América do Sul e dispersa em vários países. Passa muito tempo no chão, distinto por sua marcha pausada alternada com rápidas corridas.

Os João-de-barro formam casais que permanecem unidos por longo tempo. Defendem seu território ao longo de todo o ano, tanto a fêmea como o macho, podendo pernoitar fora de sua área; mantêm o hábito de cantar juntos à entrada do ninho, agitando suas asas.

É também o codinome do compositor Braguinha (Carlos Alberto Ferreira Braga), que o adotou em seu tempo de estudante de arquitetura por se tratar de um pássaro arquiteto. Com mais de 400 músicas gravadas numa das mais longas carreiras do Brasil,

Braguinha foi autor de composições reconhecidas em todo território nacional, como: Chiquita Bacana, Pirata da Perna de Pau, Turma do Funil, Touradas de Madri, As Pastorinhas, Carinhoso (em parceria com Pixinguinha) e outras tantas.

Braguinha foi um pássaro do Bando dos Tangarás junto com Noel e Almirante. Gravou inúmeras composições como *Furnarius rufus* porque o pai não gostava de ver o nome da família circulando no ambiente da música popular. Faleceu em seu amado Rio de Janeiro aos 99 anos em 2006.



CAPSi João de Barro, em funcionamento desde 2008 na Zona Oeste da cidade. Foto: Google, Inc. Street View - Dez. 2017.